

Interativos Travessias

ESTUDOS LITERÁRIOS

UM ESTUDO ECOCRÍTICO E MEMORIALÍSTICO DA POESIA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

AN ECOCRITICAL AND MEMORIALISTIC STUDY OF THE POETRY FROM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Adriano Carlos MOURA¹

Raul CHATEL NETO²

RESUMO: Este artigo apresenta resultados parciais de um projeto de pesquisa que visa a investigar as representações da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) na poesia de autores campistas, a fim de verificar o papel da literatura na construção da imagem que os cidadãos elaboram sobre si e como se relacionam com o espaço onde vivem, com ênfase nas questões ambientais tematizadas pelo texto literário. A pesquisa de caráter bibliográfico se ancora teórica e metodologicamente nos conceitos de ecocrítica e estudos sobre memória, para refletir sobre como a cidade se inscreve no imaginário literário local, compreendendo cidade não apenas sob a perspectiva urbana, social, mas também natural. Desse modo, além de contribuir para uma reflexão sobre as relações entre literatura e ecologia, pensando num mundo sustentável objetivado pela Agenda 30, busca-se contribuir para a preservação da memória literária da cidade, o que confere à pesquisa um caráter interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Ecocrítica. Memória. Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT: This article presents the results of a research project that aims to investigate the representations of the city of Campos dos Goytacazes (RJ) in the poetry of authors from Campos, in order to verify the role of literature in the construction of the image that citizens build about themselves and how relate to the space where they live, with an emphasis on environmental issues addressed by the literary text. The bibliographic research will be theoretically and methodologically anchored in the concept of ecocriticism, to investigate how the city is inscribed in the local literary imaginary, understanding the city not only from an urban, social, but also a natural perspective. Thus, in addition to contributing to a reflection on the relationship between literature and ecology, thinking about a sustainable world objectified by Sustainable Development Goals 30, we also seek to contribute to the preservation of the city's literary memory, which gives the research an interdisciplinary character.

KEYWORDS: Literature. Ecocriticism. Memory. Campos dos Goytacazes.

1. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor no Instituto Federal Fluminense Campus Centro. Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro; Brasil. E-mail: adriano.moura@iff.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1472-6964>.

2. Pós-Graduado em Processo Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Cursando Letras: Português e Literaturas no Instituto Federal Fluminense Campus Centro, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: raul.chatel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2986-5898>.

Considerações iniciais

Este artigo resulta de um projeto de pesquisa PIBIC/CNPq, desenvolvido no Instituto Federal Fluminense, a fim de verificar se a poesia de Campos dos Goytacazes, que tem a cidade como tema, pode oferecer material de estudo sobre o lugar como uma conjugação de seus valores sociais e culturais com o meio ambiente. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, teoricamente ancorada nos estudos sobre ecocrítica e memória.

Os textos literários são um importante veículo para a compreensão e conhecimento do mundo. É comum historiadores, filósofos, sociólogos, psicólogos, geógrafos recorrerem a eles para estudar os fenômenos, visto que, por mais que não seja a realidade, a literatura é, como os demais textos, também um discurso sobre a realidade, uma forma de acessá-la.

A ecocrítica é um ramo novo dos Estudos Culturais, área para a qual “O ‘texto’ não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis” (JOHNSON, 2004, p. 75). O campo dos Estudos Culturais, devido ao seu caráter interdisciplinar, possibilita uma análise descentrada do objeto literário, além de ser fortemente afetado pelas perspectivas pós-coloniais que fazem emergir novas epistemologias construídas nas periferias das teorias hegemônicas e eurocentradas.

O texto literário atua também como importante veículo de preservação da memória cultural de um povo, sendo, seguindo as formulações de Benedict Anderson (2008), agente de construção de uma sociedade imaginada e de uma identidade coletiva. Com o intuito de fomentar a discussão sobre literatura, meio ambiente e memória, foram escolhidos como corpus para o presente artigo textos dos poetas Joel Mello e Vilmar Rangel, autores de relevância para a literatura e cultura da cidade, embora ainda desconhecidos em âmbito nacional.

Ecocrítica e literatura

Peter Barry, em sua obra *The Beginning Theory: An Introduction to Literary and Cultural Theory* (2009), define Ecocrítica como a produção cultural do indivíduo, explorando sua relação com o meio ambiente e o mundo exterior. É uma forma interdisciplinar de abordar, dar voz à natureza para fins críticos de estudo e buscas de possíveis soluções de diálogo entre o homem e a natureza. Foca-se, portanto, não apenas no sujeito, mas no ambiente que o cerca, afeta e também é afetado por ele. A natureza e a preocupação relativa a ela ganham importância:

Para o ecocrítico, a natureza realmente existe para além de nós mesmos, não precisando ser conceituada através de aspas, mas reconhecida como uma presença equivalente a uma entidade que nos afeta e que podemos afetar, até mesmo fatalmente. A natureza, portanto, não é um conceito redutível somente ao que concebemos como passado de nossa prática cultural (BARRY, 2009, p. 163, tradução nossa).³

A Ecocrítica, através da interdisciplinaridade, parte de aspectos tanto culturais e sociais quanto literários para o estudo da situação ecológica. Há um padrão ético e político, estudo de teorias científicas, estudos topográficos, diários de viagem e outras fontes. Além de direcionar o pensamento ecológico à moral e ao ativismo, há conscientização da situação ambiental e a relação do homem com a natureza. Descentraliza-se a figura antropocêntrica para atingir a consciência da preservação ambiental.

Quando voltado à literatura, o olhar ecocrítico se dá através da interpretação de obras existentes observando a natureza não como um cenário, mas como parte de algo maior. Analisa-se a relação histórica do homem com o ambiente em que vive, utiliza e modifica. Raymond Williams (1975), em sua obra *The Country and the Cities* já abordava o tópico voltado ao texto literário e a relação com o meio ambiente, no capítulo intitulado “The Green Language”, no qual a questão da separação da terra e do indivíduo era tratada. Ao reconhecer a existência de tal força e respeitá-la como seres que vivem nela, os indivíduos entendem também que faz parte desse meio ambiente, buscando aprendizado e não domínio.

Assim, Barry (2009) traz reflexões dos autores, pensadores e filósofos ecocríticos, manifestadas na leitura das obras, buscando o meio ambiente; a ampliação do escopo das palavras “energia”, “transformação”, “mundo natural”, “equilíbrio”, “sustentabilidade” e outras. Tais palavras e vozes não são fins em si mesmas; há amplitude do contexto literário, levando em conta fatos, narrativas, diários de viagens, além da valorização de uma literatura que tematize questões específicas da região que a produziu; além de desconstruir a visão romântica da natureza, se aproximando de sua voz, suas dissonâncias e rupturas, da relação com os indivíduos e as desigualdades operantes na sociedade.

Segundo Greg Garrard (2004), tem-se na Ecocrítica uma inexorável fonte de análise política, uma vez que seus desenvolvedores enxergam as teorias políticas tratando da questão moral do meio ambiente, buscando unir soluções dialógicas entre a natureza e as

3. For the ecocritic, nature really exists, out there beyond ourselves, not needing to be ironised as a concept by enclosure within knowing inverted commas, but actually present as an entity which affects us, and which we can affect, perhaps fatally, if we mistreat it. Nature, then, isn't reducible to a concept which we conceive as part of our cultural practice.

preocupações sociais. O autor defende que o campo, através da sua literatura e cultura, se aproxima da ciência da ecologia ao cruzar limites entre a ficção e o real para trazer fragmentos de acontecimentos que circundam o mundo nos dias de hoje.

Garrard (2004) traz também critérios sobre o que seria a ecocrítica ou um estudo permeado por ela, indo pelo caminho por meio do qual a natureza não é apenas uma caracterização ou um ambiente, mas uma voz, um objeto que sofre mudança e também exerce. A ecocrítica não se propõe a fazer uma leitura limitada do meio ambiente, mas sim ampla, criteriosa. Seu primeiro critério, portanto, baseia-se na presença do ambiente não humano, pois a história da humanidade está inserida na história natural; o interesse humano não é entendido como o único ser respeitado; deve existir uma ética entre a ação humana e sua responsabilidade ao lidar com o meio ambiente, que deve ser tratado como um processo vivo e não somente como um cenário em segundo plano.

Cidade, Memória e História

Tem-se na ideologia mudanças interpretativas de discursos e posicionamentos dos indivíduos. Se o Estado ocupa a superestrutura organizativa e, se quem o representa são aqueles eleitos pelo voto, fica nesse aspecto traçada a relação do ambiente e do indivíduo, que ocorrerá através das políticas públicas. Nesse sentido, a cientista social Celina Souza, em publicação para a revista *Sociologias*, de Porto alegre escreve:

Pode-se, então, resumir política pública como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real (SOUZA, 2006, p. 26).

Logo, a prática de determinado instrumento afetará em múltiplos sentidos o espaço físico, gerando sobretudo mudanças, opiniões, debates e controvérsias entre os habitantes. Esse conjunto de práticas tece uma linha de ações em função do tempo e traça a história, a memória sobre o ambiente urbano e a possível interferência no natural.

Em *História e Memória* (1996), Jacques Le Goff, estabelece a importância da formação da memória embasada nas Ciências Sociais, História, pelo viés Antropológico, além do Psicológico, Psiquiátrico e Biológico. Levando em conta a amplitude interdisciplinar

envolvida em sua conceituação, Le Goff (1996), ao falar sobre a memória social, estabelece a relação dela com o tratamento do tempo e a história, sua expansão e transbordamento. Assim, as lembranças individuais detêm capacidade de valoração de acordo com o que foi vivido pelo indivíduo, sendo fonte para uma construção individual sobre o objeto; da mesma forma, um fato coletivo tem aptidão a se tornar um discurso ligado à memória, havendo coerência entre enunciador e receptor. Para o autor, a função social da história é organizar o passado com referência ao presente.

Já em Halbwachs (1990), a memória coletiva é um objeto cuja investigação deve ser realizada por constituir processo de reconstrução. Esse processo existe considerando esse tipo de memória não ser uma repetição cronológica sobre os eventos e contextos atuais, e, por outro lado, essa investigação se diferencia dos eventos e acontecimentos podendo ser trazidos dentro de uma teia de relações sociais conforme os aspectos temporais e sociais.

Sendo a memória uma recordação ou reconstrução, conforme já mencionado, a constituição de dados do presente se faz necessária, pois corrobora com a resignificação de determinado tema. Ao considerar a memória, o exterior torna possível trazer à tona recordações sobre os acontecimentos.

Para o autor, existe ligação entre memória e espaço, pois o grupo afetado e habitante de determinado meio passa a alterá-lo, pelos valores ideológicos ligados à prática e à materialidade. Nesse caminho, parafraseando Halbwachs (1990), cada grupo ou sociedade recorta o espaço a seu modo, para constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas memórias.

Dessa forma, Ferreira da Costa, Firmina Rodrigues e Do Nascimento (2020), em publicação para a revista RTE (Revista Temas em Educação), ao falarem da re(elaboração) da memória, tanto individual como coletiva, afirmam que pode haver seleção de lembranças cujos interesses gravitam entre a preservação ou o esquecimento, reforçando o posicionamento da materialidade e como essas memórias se formam.

Campos dos Goytacazes possui um patrimônio arquitetônico que é símbolo da pujança econômica dos barões do período colonial e imperial. O patrimônio material recebe protagonismo quando se trata de preservação da memória da cidade, com campanhas para restauração de solares, prédios que outrora abrigaram figuras que ilustravam a aristocrática história do município.

Para Le Goff, a memória preserva algumas informações e “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2013,

p. 387). O turismo atraído pelo patrimônio histórico é uma das principais atividades econômicas de muitas cidades brasileiras do período colonial como Ouro Preto (Minas Gerais), Salvador (Bahia), Paraty (Rio de Janeiro). É possível afirmar que a preservação nesses lugares se deve mais à sustentação econômica do que a uma consciência da importância da memória para atualização do passado e compreensão do presente. Há nesses espaços placas, guias contando sua origem, personagens que protagonizaram sua história como forma de atualização do passado, que se dá, predominantemente, sob o ponto de vista da história oficial que é geralmente a dos vencedores (reis, aristocratas, generais, fazendeiros, empresários), nunca a dos vencidos (indígenas, escravizados) ratificando a formulação de Walter Benjamin (2012) de que todo documento de cultura é simultaneamente de barbárie. A visita a monumentos históricos não é prática muito recorrente em Campos dos Goytacazes. Para que se cumpra a finalidade turística e pedagógica das visitas aos monumentos faz-se necessária a preservação, negligenciada frequentemente pelos setores públicos e privados. Não há como explorar economicamente um prédio histórico degradado, depredado, caindo.

Assim como o patrimônio arquitetônico e Ambiental, a literatura produzida na região é ignorada por grande parte de seus habitantes, que a ela não tem acesso nas poucas livrarias da cidade, bibliotecas e até mesmo em meio digital, bem como fortuna crítica sobre seus autores, uma das justificativas para a escolha do corpus da pesquisa que originou este artigo.

O corpus poético: Joel Ferreira Mello e Vilmar Rangel

Joel Ferreira Mello⁴, nascido em Campos dos Goytacazes em 1935, foi membro de clubes macaenses de poesia e, posteriormente, eleito membro da Academia Pedralva de Letras e Artes. Além de produzir diversas obras, trabalhou em cursos de graduação e pós-graduação no Centro Universitário Fluminense, em Comunicação Social e Letras.

Em *De Mitos e Cavalhadas ao nosso Indecente Irmão*, a poética gira em torno de símbolos aludindo à mencionada memória coletiva regional, ao citar as cavalhadas, o Uru-ru e a Mana Chica, manifestações por vezes lembradas por instituições e indivíduos objetivando a preservação da memória. Além disso, tem-se, na aludida poesia, o problema da recorrente poluição do Rio Paraíba e o prejuízo à fauna e flora cuja vida se torna cada vez mais escassa e o estado da natureza ligado ao Rio Paraíba do Sul, um dos mais importan-

4. Fonte: <https://www.camaracampos.rj.gov.br/novo/index.php/about/autores-campistas>.

tes rios cujo curso da água banha os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, atravessando e alimentando diversas regiões de importância socioeconômica substancial. O questionamento principal recai sobre a relação entre o ser humano e o rio:

Campo Limpo Santo Amaro
cavalhadas rituais
Paus Amarelos em fastos
bogarins casuarinas
enfeitam ares levados
desfeitos ares turvados
na planície e nas campinas
dos brejais ao Paraíba
(nosso indecente irmão)

Nordeste cobrindo as canas
por sobre *carmaviais*
de Ururau à Mana Chica
Mana Chiva do Caboio
quem nunca comeu pimenta
não sabe que coisa é moio”

[...]

Vento Nordeste perpassa
manguezais carnaviais
na convivência vital
desvivência envenenada
De caranguejos e peixes
De piracemas em feixes,

Olismo e ecossistemas
De physis bio-vigente
Dessa bio/degradantes
De poluição e de morte”
(MELLO, 2005, p. 79).

Nas duas primeiras estrofes, o poeta apresenta elementos da cultura popular e do folclore do município recuperando a lenda do Ururau, enorme jacaré do papo amarelo que habita as águas profundas do rio e que, segundo as narrativas da tradição oral, teria sido um moço apaixonado que depois de morto a mando do coronel, pai de sua amada, teve seu corpo jogado nas águas, transformando-se no animal que passou a ser temido pela população. Mitologias à parte, essa espécie se encontra na lista de animais em extinção do IBAMA (Ins-

tituto Brasileiro do Meio Ambiente) devido à destruição de seu habitat natural. Um detalhe importante recai sobre o recurso da paranomásia, representado, segundo Martins (2000), pela identidade de fonemas entre duas ou mais palavras, oferecendo sonoridade análoga, mas sentidos diferentes. Trata-se de um jogo de palavras, um trocadilho contido nos últimos quatro versos supratranscritos: “Psysis” como uma figura criadora presente na natureza, mas atrelada à conjuntura “bio/degradante”, afetando-a negativamente pela interferência humana.

Em “Do Mirante do Liceu ao Pico de São Mateus”, o poeta aborda parte do cenário rural na circunscrição de Campos dos Goytacazes: Itaoca, São Tomé, Pico de São Mateus, rios, canais e lagoas, evidenciando o paralelo com os *royalties* do petróleo e o cenário urbano. Nota-se, na obra de Joel de Mello, a denúncia do abandono tanto ambiental quanto social.

Do Mirante do Liceu Ao Pico de São Mateus

De Itaoca ao São Tomé
do Mirante do Liceu
Ao Pico de São Mateus
desde a Serra do Baú
[...]
de royalties e dividendos
e por entre manguezais,
[...]
Na Beira-Valão Fedida
por sob o amarelo-ipê
e uma social ferida
do abandono em galerias
de drogados e mendigos
de extirpados e excluídos
do labor e do prazer.
(MELLO, 2005, p. 66).

Nos últimos versos é possível ver o contraste da beleza natural dos ipês ao lado da Beira-Valão fétida. Estendendo o sentido de antítese, o poeta coloca o símbolo dos ipês (prenúncio da primavera ou indício da estação já ter começado) e o cheiro do não tratado valão de Campos dos Goytacazes. Partindo desse contraste, o poeta denuncia a presença das camadas marginalizadas e negligenciadas como uma ferida social causada por ação ou omissão da administração pública.

No poema “AmenopoetiCidade”, Mello aborda as mesmas questões conflituosas da exploração econômica e da falta da valorização cultural de Campos dos Goytacazes, des-

sa vez trazendo um forte símbolo da antiga economia: a cana de açúcar, visão expressa nos versos /Quê elenco mais produtivo/temos pela pátria inteira”; / “Temos horta/temos água/temos petróleo de sobra/e cana e usinas falidas - nos falta reforma agrária?”

Hoje, permanecem abandonadas as usinas e as terras sem trabalho: apenas fragmentos, tendo em vista a mudança do foco econômico ter se voltado à exploração petrolífera e seus *royalties* que se tornaram o principal meio financeiro do município, perdendo importância as mais de vinte e cinco usinas de cana de outrora. Sua obra poética expõe Campos como um local propício ao crescimento, mas ao mesmo tempo paralisado, longe da igualdade e respeito pelo ambiente, tanto rural, como urbano.

O segundo autor estudado, Vilmar Rangel, nasceu em 1937, formou-se em Direito na antiga Faculdade de Direito de Campos, hoje conhecida como Centro Universitário Fluminense. Além de autor, exerceu funções administrativas, foi professor de Comunicação Social, sócio fundador do Núcleo de Campos da União Brasileira de Escritores e também sócio eleito pela Academia Pedralva de Letras e Artes, onde venceu por três anos consecutivos, em função de suas obras literárias, o prêmio “Almir Soares”⁵.

Em suas obras *Alumbramento* (2004) e *Dança entre dorsos tensos* (2010), Vilmar Rangel utiliza um tom intimista, contudo sem deixar de abordar criticamente a realidade que o circunda. Ao analisar o poema “Memória” pela perspectiva Ecocrítica, percebe-se que o autor apresenta poeticamente a natureza viva através de uma memória que emerge pela catálise provocada por um fenômeno natural:

Memória

Um por-de-sol hemorrágico
Agride docemente a pátria do céu
E traz de volta o sabor dos pomares
O rumor da campina
A explosão dos matizes
Que dança nos ipês
O alarido juvenil das andorinhas
O farfalhar das águas entre pedras
De um riacho que ganha a infância.
(RANGEL, 2010, p. 26).

5. Fonte: <https://www.camaracampos.rj.gov.br/novo/index.php/about/autores-campistas>.

No corpo da poesia, percebe-se a natureza não como um cenário, um objeto descrito, mas sim como uma força reagindo. As personificações constroem esse efeito: “[...] agride docemente a pátria do céu [...]”; “[...] O rumor da campina[...]”; “[...] A explosão dos matizes [...]”. Além disso, trabalhando a intertextualidade, ou seja, a suposição da presença de um texto em outro, seja por citação, alusão ou outro recurso, é possível aludir à memória individual trabalhada conjuntamente com “Meus Oito Anos” (1859), poema de Casimiro de Abreu, que também apresenta um eu lírico que rememora a infância num ambiente natural.

Removendo o tom ultrarromântico e ufanista de Casimiro de Abreu, através dos versos a seguir demonstrados, existe a mencionada intertextualidade interna estabelecida por Maingueneau (1984), ou seja, semelhança de discurso do mesmo campo discursivo. Nesse caso, a Literatura:

Meus Oito Anos

[...]
Que amor, que sonhos, que flores
Naquelas tardes fagueiras
À sombra de bananeiras
Debaixo dos laranjais!
[...] O céu bordado d’estrelas,
A terra de amores cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar
[...].

Tanto em “Memória” de Vilmar Rangel, quanto em “Meus Oito Anos”, de Casimiro de Abreu, observa-se o culto à natureza, o sentimento de liberdade causado pela sua influência e a presença como uma memória individual: na primeira obra, na forma de um saudosismo lúdico desencadeado pelo pôr do sol no tempo presente do eu lírico; enquanto na segunda, como uma espécie de escapismo através do eu-lírico abandonando o presente, imergindo no passado, como visto em Halbwachs (1990), a memória individual é um trecho cognitivo que pode ou não ser permeado pela memória coletiva, nesse existindo união entre uma e outra e, se apegando aos sons, contextos, sentimentos (no caso da poesia, ao aspecto lírico) e se manifesta através da forma pelas quais as lembranças são externalizadas.

Diferente dos monumentos construídos pelas mãos humanas para enaltecer seus feitos, muitos deles destrutivos, embora vistos como heroicos por segmentos que contam a história pela perspectiva dos vencedores, não se constrói estátuas para árvores mortas ou pás-

saros extintos. Conforme aponta Maria do Carmo Mendes (2020) “a abordagem ecocrítica da literatura e de outras manifestações culturais nos auxilia, pelo menos, a tomar consciência das consequências da nossa interferência no planeta e mudar de atitude.” (MENDES, 2020, p. 100).

No poema “Improviso Com Muito Amor”, Vilmar, na parte I, compara o movimento das cidades com luzes remetendo aos bois: “Cidade líquida nos olhos/e nas veias diluídas; “As luzes redondas/dos olhos dos bois deitados”. A ponte é vista, a praça, a cana (novamente remetendo à simbologia econômica e cultural de outrora do município), o rio (alusão ao Paraíba) e o açúcar que pertence aos munícipes: “A ponte, a praça, /a prancha, /a cana, o rio/ e o açúcar da gente”.

Já em *A morte despencada*, Vilmar homenageia uma criança morta nas obras da Ponte Municipal em 1958, conforme pontuado na nota de rodapé de sua obra. Os dois primeiros trechos da poesia já demonstram a natureza para além de uma ambientação e os indivíduos.

A Morte Despencada

Operários, mulheres e crianças
Compunham a paisagem da manhã
Por sobre a ponte em obras e em perigo.

O Sopro do Nordeste, o céu, o sol
Um sol de meio-dia sobre o rio,
Cercavam desse tom bem natural
– que a morte espalha à véspera do fim –
Os últimos minutos do menino
[...] (RANGEL, 2010, p. 27).

Essa poema traz em sua estrutura símbolos do cotidiano urbano, demonstrando a relação da classe operária e o movimento de pessoas. O vento Nordeste, aludido em outras produções do autor, surge como um símbolo da natureza local e se contrasta com a vida ceifada do menino, devido à falta de segurança na obra da ponte.

Arlete Parrilha Sendra (2004), em prefácio escrito para a segunda edição de *Alumbramento* (2004), escreve que Vilmar Rangel rompeu barreiras editoriais em 1959 com a publicação do livro *Quarto poemas de amor para uma noiva*, e afirma a consolidação do neorromantismo do poeta, ressaltando o que chama de herança atávica do autor e sua relação com a cidade onde ele vive. Assim como em Joel Mello, Campos se presentifica nos versos de Vilmar Rangel, cujo sujeito lírico se conduz à evasão num espaço da cidade cada vez mais vivo somente no âmbito da memória:

Sertão

A tarde se espreguiçava nas varandas,
dissolve sombras no alpendre,
prenunciando o crepúsculo
no tênue recorte dos montes.
Percepções baldias anunciam
que a noite já espreita
e se emoldura na canção dos grilos.
O lume dos vagalumes
ponteia por entre brumas.
Presença anfíbia,
batráquios em vigília
embalam bucólicas lembranças.
Daqui avisto
o luxuoso arranjo dos laranjais,
a comportada calha dos eitos,
e, sinuosa, a linha das estrias
onde os pés fazem trilha.
Daqui ouço
o galope de lépidos corcéis,
asas frementes alvoroçando o espaço,
e sons que dançam alvíssaras
no caprichoso desacerto do riacho.
Aqui adormeço
saciado pelo cromatismo
que inunda o poente,
até que a lua se apague
e se renda à luz nascente
para a colheita da aurora.
(RANGEL, 2010, p. 25).

Embora evasivo, o poema se ocupa mais em tecer um retrato de valorização do ambiente vivido pelo eu lírico do que uma tentativa de idealização ou expressão de seus sentimentos. Para Greg Garrard “a natureza só é valorizada em termos utilitários para nós. Muitos ambientalistas argumentam pela necessidade do desenvolvimento de um sistema que torne intrínseco ou inerente, a natureza como ponto de partida (GARRARD, 2004, p. 13, tradução nossa)⁶, o que corrobora a ideia de que “A leitura ecocrítica de textos literários

6. “Nature is only valued in terms of its usefulness to us. Many environmentalists argue that we need to develop a value system which takes the intrinsic or inherent value of nature as its starting point.”

exige a substituição de uma perspectiva homocêntrica por uma visão ecocêntrica” (MENDES, 2020, p. 101). Textos nos quais os elementos da natureza metaforizam ações, comportamentos e sentimentos humanos podem ser lidos sob perspectiva ecocrítica desde que a interpretação se debruce sobre a denotação que precede o emprego conotativo do signo que representa a natureza, buscando conferir protagonismo à expressão metaforizante em vez de à metaforizada, deslocando o foco homocêntrico para o ecocêntrico. Não se pode, no entanto, desconsiderar que o ser humano pertence à natureza, e que uma abordagem ecocêntrica não significa ignorar esse pertencimento. No poema “Sertão”, é a convivência harmônica com os demais seres que possibilita ao sujeito lírico o adormecimento “saciado pelo cromatismo que inunda o poente”.

Considerações finais

Tem-se no campo interdisciplinar da Ecocrítica a capacidade de analisar e revisar, dentro da Literatura, as obras produzidas através de diferentes pontos de vista: o da conscientização e posterior valorização do ambiente urbano, rural e natural, além de investigar sua representação cultural. No presente trabalho, o objetivo principal foi conduzir à aludida investigação sobre a representação do município de Campos dos Goytacazes pela poesia dos autores Vilmar Rangel e Joel Ferreira de Mello, sendo perceptível o tom crítico e sociopolítico dos textos, além do reconhecimento e importância do meio ambiente.

Para que fauna, flora, rios, lagos não se tornem, com o tempo, apenas substância para imaginação saudosista dos poetas, urge que se desperte para a consciência de que a natureza não é uma fonte inesgotável de recursos dos quais a humanidade é senhora, mas uma organização da qual ela faz parte e pela qual deve zelar inclusive como forma de autopreservação. Nesse sentido, os estudos literários, assim como as demais áreas de conhecimento, têm um compromisso fundamental em refletir, a partir dos textos que estuda, sobre de que maneira se pode pensar num mundo em que espécies humanas e não humanas possam viver num ambiente minimamente habitável. Escrevo “minimamente”, pois alguns danos causados talvez sejam irreversíveis.

Os poetas selecionados para este estudo têm suas obras publicadas predominantemente de maneira independente, ou com recursos de instituições locais, como a Academia Campista de Letras, e com pequenas tiragens, o que faz com que muitas delas estejam esgotadas, podendo implicar o apagamento de seus autores. Devido à relevância de seus poemas

para a literatura e memória cultural da cidade, a pesquisa que originou este artigo disponibilizará material bibliográfico sobre os autores em formato e-book, com acesso gratuito para que as reflexões sobre as relações entre o meio ambiente e a cidade, além de outros temas desenvolvidos por eles atinjam o maior público possível de leitores.

Referências

BARRY, Peter. *Ecocriticism*, in *The Beginning Theory: An Introduction to Literary and Cultural Theory*. 3ª ed. Manchesters: Manchester UP, 2009.

COSTA, Antônio Max Ferreira (et al). As categorias “Memória” e “Memória da educação profissional nas concepções de Jaques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta. *Revista temas e educação*. Vol. 29, no. 1. pp. 59 – 75, Abril, 2020. Disponível em: <https://doaj.org/article/b72c9940d71f4057b4cea1ac67d30276> . Acesso em: 3 set 2022.

GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. New York: Routledge, 2004. Fonte: <https://www.camaracampos.rj.gov.br/novo/index.php/about/autores-campistas>. Acesso em: 18/03/2023.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar edições, 2005.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008. p. 130.

MARTINS, Nilce Sant’anna. *Introdução à estilística*. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

MELLO, Joel Ferreira. *Cerne em sede: poesia reunida*. Campos dos Goytacazes Editora da Academia Brasileira de Letras, 2005.

RANGEL, Vilmar Ferreira. *Alumbramento*. 2.ed. Campos dos Goytacazes: Editora da Academia Campista de Letras, 2004.

MENDES, Maria do carmo. No princípio era a natureza: percursos da Ecocrítica. *Anthrophocenica*. Revista de Estudo do Antropoceno e Ecocrítica. (pp 91-104). Minho: Institute Antropocene Studies, 2020.

RANGEL, Vilmar Ferreira. *Dança entre dorsos tensos*. 1.ed. Campos dos Goytacazes: Editora da Academia Campista de Letras, 2009.

SENDRA, Arlete Parrilha. Itinerário e transcendência. In: RANGEL, Vilmar. *Alumbramento*. Campos dos Goytacazes: Editora da Academia Campista de Letras, 2004.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*. Porto Alegre, n.8, n.15, p. 26. 2006.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Metodologia da pesquisa*. 2. ed. Curitiba: IESDE, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *The Country and the City*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1973.